

**ESTADO, MOBILIZAÇÃO SOCIAL E PROCESSOS COMUNICATIVOS:
desenvolvimento e saúde pública em debate¹**

**STATE, SOCIAL MOBILIZATION AND COMMUNICATIVE PROCESSES:
development and public health in debate**

Autores ²

Resumo: *O artigo debate sobre as percepções da população da região de Santa Cruz do Sul sobre a relação entre Estado, política e empresas privadas de tabaco, tendo em vista a importância de pensar sobre os processos de organização social de famílias que cultivam, ou já cultivaram, tabaco no Vale do Rio Pardo/Rio Grande do Sul. É pertinente apontar a “confiança” como um tema a ser contemplado em estudos posteriores, pois a confiança, seja entre os pares (comunidade), seja nas instituições que permeiam o cotidiano dos sujeitos (famílias, empresas, igrejas, associações, governos), permeia as relações e permite solidariedade. Entende-se a mobilização social como um processo comunicativo, aproximando a área de Relações Públicas e os processos mobilizadores. Assim, mobilizar-se é um processo complexo e que envolve variáveis distintas e em âmbitos diversos. Para isso, foram realizados grupos de discussão com moradores da cidade e do campo, bem como aplicados questionários com escalas de likert para entender a percepção dos sujeitos, a partir da mídia local. As discussões aconteceram conforme o método de William Gamson (2011). Como resultados da pesquisa, dentre outros, para os respondentes o Estado tem obrigação de apoiar as empresas privadas de tabaco em prol do desenvolvimento econômico da região. Nesse sentido, a comunicação pode ser considerada uma tecnologia social, na medida em que tem a capacidade de engajar/mobilizar.*

Palavras-Chave: *Comunicação . Mobilização . Desenvolvimento.*

Abstract: *This article discusses the perceptions of the population of the region of Santa Cruz do Sul on the relationship between State, politics and private tobacco companies, considering the importance of thinking about the processes of social organization of families that cultivate, or have already cultivated, Tobacco in Vale do Rio Pardo / Rio Grande do Sul. It is pertinent to point to "trust" as a theme to be contemplated in later studies, since trust, either between the peers (community) or in the institutions that permeate the daily life of the subjects (families, companies, churches, associations, governments) Permeates relationships and allows solidarity. Social*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 2 – Comunicação e Sociedade Civil do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

² Carlise Schneider Rudnicki, Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Doutora em Desenvolvimento Rural/UFRGS. E-mail: carlise.rudnicki@ufsm.br.
Verenice Zanchi, doutoranda em Desenvolvimento Regional, UNISC. E-mail: verenice.zanchi@gmail.com

mobilization is understood as a communicative process, approaching the area of Public Relations and the mobilizing processes. Thus, mobilization is a complex process involving different variables and in different contexts. To this end, discussion groups were held with city and country residents, as well as questionnaires with likert scales to understand the subjects' perception, based on the local media. The discussions took place according to the method of William Gamson (2011). As a result of the research, among others, for the respondents the State has an obligation to support private tobacco companies for the economic development of the region. In this sense, communication can be considered a social technology, insofar as it has the capacity to engage / mobilize.

Keywords: *Communication. Mobilization. Development.*

1. Cenários e disputas

A relação entre comunicação, política e sociedade pode ser pensada a partir da busca pela visibilidade e legitimidade dos discursos. Segundo Weber (2006), os movimentos da política na contemporaneidade disputam, cada vez mais intensamente, espaços de visibilidade midiática usando complexas estratégias para viabilizar relacionamentos e produzir informações com potencialidade para repercutir. Podemos considerar que todas as posições dos sujeitos, bem como as estratégias discursivas, são aquelas autorizadas em níveis anteriores, na dispersão de elementos e nas relações instituídas. A produção do tabaco e a atuação das empresas têm sido objeto de um intenso debate público. Além de aspectos econômicos e políticos, o tema do controle do tabaco implica questões socioculturais (símbolos, discursos, representações). Nesse sentido, a proposta pretende discutir sobre as percepções da população rural da região de Santa Cruz do Sul sobre a relação entre Estado, política e empresas privadas de tabaco. Portanto, busca refletir sobre possibilidades e entraves nos processos de organização social de famílias que cultivam, ou já cultivaram, tabaco no Vale do Rio Pardo/RS.

Para Kunrath (2010), paradoxalmente, tem-se “uma intensa mobilização de atores sociais e da significativa expansão de espaços institucionais abertos à participação destes atores” (2010, p.3) e, por outro, ainda conforme o autor, as ciências sociais brasileiras apresentam uma diminuição das reflexões voltadas ao

estudo dos processos de construção e atuação dos atores sociais desta sociedade. As discussões sobre saúde pública em regiões de tabaco consolidam-se como temas de interesse público que motivam intensos embates discursivos, protagonizados por agentes do Estado e da sociedade civil, no âmbito da esfera pública (HABERMAS, 2003).

O mundo mediado pela comunicação faz parte da forma como as comunidades humanas produzem sentidos (significados), ou ainda, a comunicação como um 'processo de construção e disputa de sentidos' (BALDISSERA, 2004). As disputas por legitimidade, na teia de relações entre sociedade, política e comunicação, no âmbito da cadeia produtiva do tabaco, têm se apresentado como importante espaço de pesquisa.

Também é pertinente apontar a "confiança" como um tema a ser contemplado em estudos posteriores, pois a confiança, seja entre os pares (comunidade), seja nas instituições que permeiam o cotidiano dos sujeitos (famílias, empresas, igrejas, associações, governos), permeia as relações e permite solidariedade.

Entende-se a mobilização social como um processo comunicativo, aproximando a área de Relações Públicas e os processos mobilizadores (MAFRA, 2006). Assim, mobilizar-se é um processo complexo e que envolve variáveis distintas e em âmbitos diversos. Para Marques e Mafra (2013), a mobilização social a partir das lentes da comunicação se encontra intrinsecamente envolvida com o estabelecimento de processos comunicativos entre os diferentes atores que compartilham uma causa. Nesse sentido, o trabalho destaca a necessidade de ampliar esforços voltados ao tema, no sentido de entender como os sujeitos têm ocupado, ou não, seus espaços, já que a comunicação pode ser considerada uma tecnologia social, na medida em que tem a capacidade de engajar/mobilizar.

Portanto, as Relações Públicas, a partir de sua dimensão estratégica e política (SIMÕES, 1993), podem instaurar modalidades de comunicação participativa com as famílias rurais, planejando, com base em aspectos próprios a cada dimensão, ações de mobilização, qualificando as relações com os públicos a partir das modalidades de interação que cada dimensão apresenta. Ainda, compreendendo-se a área como atividade baseada na construção de relacionamentos entre instituições/organizações

com os diversos públicos, a comunicação para a mobilização social (MAFRA, HENRIQUES E BRAGA, 2004) compõe-se na promoção de vínculos entre os públicos e os projetos voltados ao desenvolvimento nas regiões rurais.

Isto posto, abordar o desenvolvimento das relações no campo é fundamental para compreender a complexidade das mudanças no ambiente socioeconômico que impactam não apenas a vida no rural, mas toda a sua dinâmica em relação aos espaços urbanos. As transformações sociotécnicas³, (ou seja, diferentes apropriações das tecnologias pelos atores sociais) decorrentes dos avanços científicos e tecnológicos, associados à necessidade cada vez maior de “novidades” têm demonstrado suas limitações e as múltiplas facetas que emanam de realidades distintas, por vezes, conflitantes. Os processos de desenvolvimento são de continuidade e mudanças, que reproduzem e reafirmam as características agrícolas como práticas que são transformadas no decorrer do tempo. A produção de novidades pode ocorrer em diferentes atividades e domínios dentro do desenvolvimento, por exemplo, na agroecologia e produção orgânica de produtos, produção e processamento de alimentos (as agroindústrias, ervas medicinais e aromáticas, alimentos com qualidades específicas), formação de novas organizações sociais (cooperativas, associações, redes), em atividades não agrícolas (serviços rurais, turismo, gastronomia), na venda da produção e distribuição (novos mercados, canais, ponto de venda, etc.). É importante debater e aprofundar em nível teórico, assim como enriquecer nos estudos empíricos, os principais aspectos intrínsecos a estas transações, e como isso impacta nas relações humanas, em como os atores sociais locais desempenham papéis ativamente, na medida em que estas transformações vão sendo postas em curso no desenvolvimento da sociedade.

Mas uma temática que surgiu ao longo das entrevistas foi o “medo”: de para de plantar, de mudar, de permanecer. Por Marilena Chaui, "sobre o medo":

Do que se tem medo? Temos medo do grito e do silêncio; do vazio e do infinito; do efêmero e do definitivo; do para sempre e do nunca mais; [...] temos medo do esquecimento e de jamais poder deslembrar. Da insônia e do

³ Parte-se da ideia de uma conjuntura sociotécnica (SODRÉ, 2002), já que as tecnologias se apresentam como elemento modificador constante dos processos, dos comportamentos e dos ambientes sociais, levando-se em consideração, também, a influência destes sobre as tecnologias.

não despertar. Do irreparável. Do inominável. Do perigo e da covardia; do que fizemos e do que deixamos de fazer. Temos medo do ódio que devora e da cólera que corrói, mas também da resignação sem esperança, da dor sem fim e da desonra. É, então, quem sabe, desse medo que esteriliza os abraços, que descobrimos não temos medo disso ou daquilo, de algo ou de alguém, já nem mesmo medo da nossa própria sombra, somente medo do medonho. Medo do medo. Juntamente com o ódio, o medo, escreveu Espinosa, é a mais triste das paixões tristes, caminho de toda servidão. Quem o sentiu, sabe. (CHAUI *in* NOVAES, 1987, p.38-39).

A trama dos afetos, como ódio, medo, paixão, dentre outros, tem sido investigada por diferentes autores. Spinoza (1965) sublinha que a afeição aumenta ou diminui a potência de agir, em Foucault (2008), fundamentado na ideia de biopolítica, podemos pensar o medo como um dispositivo de controle. Em Delumeau (1996), o medo diz respeito a um hábito de temer uma ameaça. Ou ainda, segundo a obra organizada por Adauto Novaes (1987), as paixões, as quais não se tratam de impulsos que nos levam a praticar uma ação, mas como “[...] o que dá estilo a uma personalidade, uma unidade a todas as suas condutas” (CHAUI *in* NOVAES, 1987, p. 23). Portanto, se um afeto negativo proporciona uma diminuição na potência de agir, pronuncia-se como uma forma de mecanismo de controle social, ou como um hábito arraigado frente a uma ameaça. Acreditamos, dessa forma, ser importante iniciar um debate sobre as ramificações dos efeitos de saber e de verdades (FOUCAULT, 1989, 2013).

2. Sobre a análise das discussões e das falas

Mais do que entender se as discussões nos grupos se referiam a uma reprodução dos discursos midiáticos, preocupou-se com as formas pelas quais os sujeitos se utilizam dos discursos midiáticos para apoiar seus interesses e legitimar/justificar os discursos e as verdades disponíveis para sua reprodução no mundo. Para isso, foram realizados grupos de discussão com moradores nas regiões rurais. Neste artigo, foram analisadas as falas de 120 pessoas. Antes do início das conversas, foram aplicados questionários com escalas de *likert* para entender a percepção dos sujeitos, a partir da mídia local. O critério de escolha dos grupos de discussão foi: a) sujeitos produtores de tabaco do Vale do Rio pardo/RS e b) indivíduos com certo grau de proximidade (parentesco ou amizade). Para definir-se a

quantidade de grupos e indivíduos considerou-se o critério da saturação, quando as respostas começavam a repetir-se, sem acréscimo de novas informações.

Com o intuito de analisar e entender as falas dos sujeitos, foi utilizado o software *Nvivo 11*, momento em que foram sistematizados e analisados dados qualitativos como entrevistas e discussões em grupo. Durante o trabalho o campo, percebemos que o discurso econômico transpassa todos os atores envolvidos e justifica, em primeiro plano, a manutenção do sistema produtivo do tabaco e seus diversos encadeamentos no campo produtivo, ambiental e da saúde.

Não obstante, foi durante a organização e a classificação dos dados, nas primeiras análises com o suporte da metodologia informacional *Nvivo 11*, que observamos o destaque das palavras “medo”, “angústia” e “comunicação”. O próximo passo foi realizar uma consulta (*query/ wizard query*) para verificar o contexto em que a palavra está inserida. Localizamos o “medo” em toda parte, seja na percepção das políticas de saúde pública (os estrangeiros), ou na saída das empresas de tabaco na região (ironicamente, os estrangeiros que são percebidos como “locais”).

No caso da saúde pública, considerada “estrangeira” e “duvidosa”, as percepções se formaram a partir da navegação na internet, em sites institucionais externos ao Vale do Rio Pardo (RS). Se na zona urbana é o jornal que alimenta o saber, no campo os responsáveis pela formação da opinião dos agricultores são os instrutores técnicos agrícolas, via comunicação face-a-face e o rádio (RUDNICKI, 2012; RUDNICKI in VIZER, BARICHELLO e SILVEIRA, 2016).

O medo da saída das empresas, conforme os entrevistados, está diretamente ligado à mídia local. Um entrevistado ressaltou a necessidade de uma mídia com “Mais respeito. Que não botem tanto medo na gente, acham que isso dá certo, mas a gente vive com medo e até nem investe muito mais”. Conforme André, “A gente espera que eles nos ajudam a manter a família, a família não tá mais unida, tem medo de sair o fumo, os filhos tem medo e já não querem ficar, ficam só se não tem outra coisa melhor, né? ”. (André, Grupo 3). A família está aliada ao termo “segurança” e “trabalho”; a saúde e o futuro vinculados ao “medo”. Destaca outro informante que “O problema é não tem união para formar um grupo para comprar coletivo na internet, acesso tem e oportunidade tem aí. A gente não sabe mais confiar um no outro, isso

se perdeu, agora é só medo do futuro” (Márcio, Grupo 2). Compreendemos que a expressão se revela não apenas como uma mudança de hábitos, de trabalho, mas de comportamento das práticas societárias. Nesse sentido, acreditamos que seria mais relevante a nós, pesquisadores e/ou militantes da área da saúde, pesquisar mais sobre duas temáticas: medo e confiança.

As discussões aconteceram conforme o método de William Gamson (2011), sendo estas realizadas nas casas dos sujeitos ou, ainda, em espaços naturais e entre pessoas que se conhecem. Como resultados da pesquisa, dentre outros, para os respondentes o Estado (poder público municipal, estadual e federal) tem obrigação de apoiar as empresas privadas de tabaco em prol do desenvolvimento econômico da região. Dentre as perguntas, aquela que os respondentes têm menor posicionamento apresentam (nem concorda, nem discorda) é que questiona se as empresas fumageiras representam desenvolvimento para a região. A partir da análise via estatística descritiva, dentre os resultados, 82 % dos entrevistados afirmam que as empresas fumageiras representam desenvolvimento para a região e 89 % concordam que as empresas fumageiras geram segurança para o município. Entretanto, no momento das entrevistas em grupo, todos questionaram a ideia de “segurança” e de “desenvolvimento”, ou seja, em debate o grupo adotou uma postura diferente daquela encontrada na homogeneidade das perguntas objetivas individuais, conforme a Tabela 2 - Opinião dos entrevistados sobre as Empresas Fumageiras (em percentual), que segue abaixo.

TABELA 2
Opinião dos entrevistados sobre as Empresas Fumageiras (em percentual)

		As empresas fumageiras representam desenvolvimento para a região	As empresas fumageiras geram segurança para o município	A prefeitura recebe apoio das empresas fumageiras para desenvolver o município	As empresas fumageiras são um bom exemplo a ser seguido por outras empresas do município e pela prefeitura.	As notícias sobre as empresas fumageiras na mídia mostram a importância destas empresas para a região	A prefeitura sempre aceita o que a indústria exige	A prefeitura deve investir para que as empresas permaneçam em atividade no município	O município depende das empresas fumageiras para se desenvolver
Todos	1 - Discordo totalmente	1%	0%	4%	0%	1%	1%	1%	1%
	2 - Discordo	1%	7%	1%	3%	1%	1%	0%	0%
	3 - Não disc. Não Conc.	13%	4%	7%	6%	3%	11%	4%	0%
	4 - Concordo	48%	47%	25%	46%	64%	51%	41%	31%
	5 - Concordo Tot.	34%	42%	57%	44%	30%	29%	54%	68%
	6 - Sem opinião	3%	0%	6%	1%	1%	7%	0%	0%

FONTE - RUDNICKI e ZANCHI, 2016.

A figura “Gráfico 1 - Opinião dos entrevistados sobre as Empresas Fumageiras”, abaixo, apresenta relevante homogeneidade, ou seja, encontramos concordância em relação as afirmações. As empresas representam desenvolvimento, segurança, importância a partir da mídia, bem como questões sobre o relacionamento estreito entre poder municipal e organizações privadas. Ainda sobre o a figura acima, 48% concordam e 34% concordam totalmente, ou seja, 82% concorda que as empresas representam desenvolvimento para a região. Sobre segurança para o município, 47 % concordam e 42% concordam totalmente, ou seja, 89% alegam que as organizações geram segurança para o município.

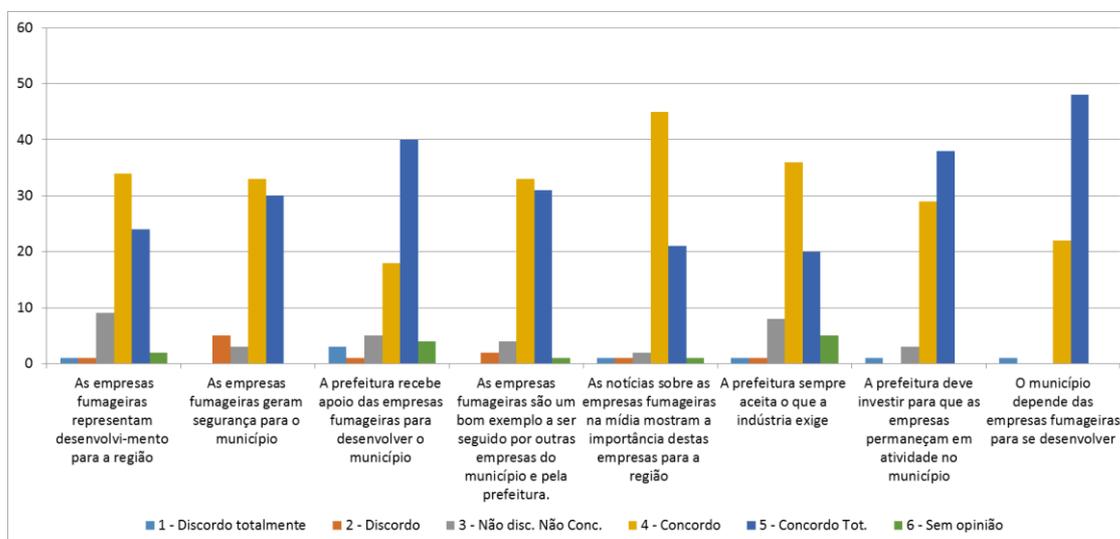


Figura 1- Gráfico 1, opinião dos entrevistados sobre as Empresas Fumageiras
 FONTE - RUDNICKI e ZANCHI, 2016.

Em relação à ligação estreita entre poder público e privado, 25% concordam e 57% concordam totalmente, ou seja, 82% assentem que a prefeitura recebe apoio das empresas fumageiras para desenvolver o município. Seguindo, as organizações do tabaco como “bom exemplo a ser seguido”, 46% concordam e 44% concordam totalmente, ou seja, 90% assinam que as empresas são um bom exemplo a ser seguido por outras empresas do município e pela prefeitura.

Outra questão importante se refere à afirmação “as notícias sobre as empresas fumageiras na mídia mostram a importância destas empresas para a região”: 64% concordam e 30% concordam totalmente, ou seja, 94%. Finalizando, 31% concordam e 68% concordam totalmente, ou seja, 99% afirmam que o município depende das empresas fumageiras para se desenvolver.

A “Tabela 4 - Opinião dos entrevistados sobre a Saúde Pública (em percentual)”, abaixo, e a figura “Gráfico 2 - Opinião dos entrevistados sobre a Saúde Pública”, expressam a percepção dos respondentes sobre a atuação da saúde pública na região.

		As campanhas da saúde sobre conscientização e combate às doenças causadas pelo tabaco são importantes para o desenvolvimento do município	As unidades de saúde do município atendem as necessidades das pessoas	É mais importante para o município ter pessoas saudáveis do que ter dinheiro	As campanhas das carteiras de cigarro (Advertências que incentivam parar de fumar) funcionam	As unidades de saúde (postos de saúde) no município apoiam e divulgam campanhas antitabagistas	Os custos das doenças causadas pelo tabagismo são volumosos aos cofres públicos	As notícias/campanhas sobre as doenças causadas pelo tabagismo conseguem conscientizar as pessoas
Todos	1 - Discordo totalmente	28%	3%	13%	14%	52%	11%	21%
	2 - Discordo	45%	3%	15%	6%	30%	13%	38%
	3 - Não disc. Não Conc.	7%	12%	37%	4%	4%	53%	34%
	4 - Concordo	9%	62%	28%	25%	11%	17%	3%
	5 - Concordo Tot.	7%	20%	6%	51%	3%	6%	4%
	6 - Sem opinião	4%	0%	1%	0%	0%	0%	0%

FIGURA – Tabela 4, Opinião dos entrevistados sobre a Saúde Pública (em percentual)
 FONTE - RUDNICKI e ZANCHI, 2016.

A figura “Gráfico 2 - Opinião dos entrevistados sobre a Saúde Pública”, dentre todos, é aquele que apresenta mais heterogeneidade. Dos respondentes, 28% discordam e 45% discordam totalmente, ou seja, 73% discordam que as campanhas da saúde sobre conscientização e combate às doenças causadas pelo tabaco são importantes para o desenvolvimento do município.

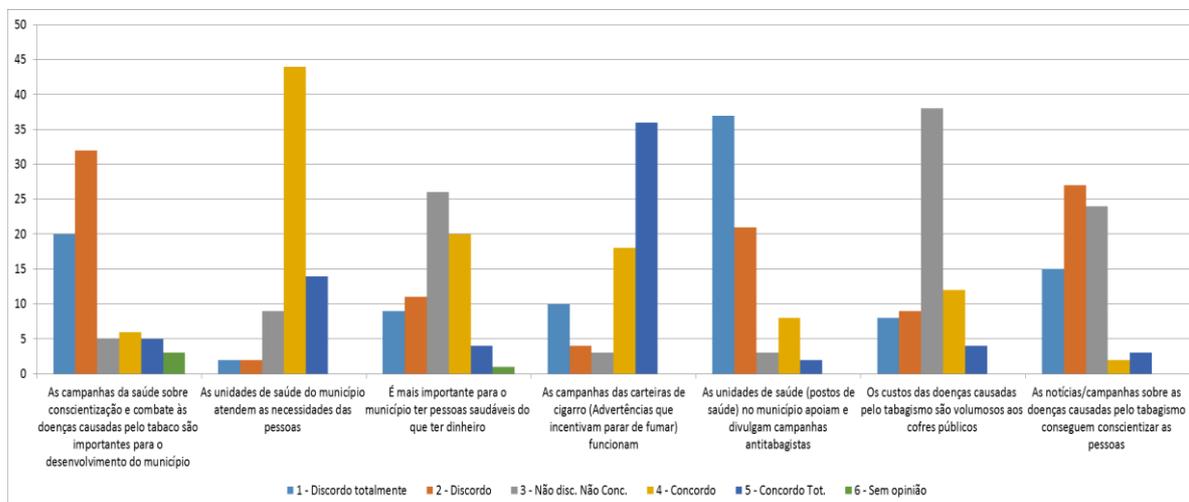


FIGURA 2 – Gráfico 2, opinião dos entrevistados sobre a Saúde Pública
 FONTE - RUDNICKI e ZANCHI, 2016.

No que diz respeito a importância de pessoas saudáveis, 28% discorda ou discorda totalmente e 34% concorda ou concorda totalmente, que é mais importante para o município ter pessoas saudáveis do que ter dinheiro.

Em relação às campanhas antitabagistas, 52% discordam e 30% discordam totalmente, ou seja, 82% discordam que as unidades de saúde (postos de saúde) no município apoiam e divulgam campanhas. Outro fato relevante é o desconhecimento sobre o custo das doenças advindas do plantio e do consumo do fumo: 53% desconhecem os custos das doenças causadas pelo tabagismo aos cofres públicos. A Saúde pública é algo em construção, enquanto a ideia de desenvolvimento, e sua “necessidade”, está naturalizado no cotidiano dos sujeitos em estudo.

3. Considerações finais

Observamos que a governança corporativa se apresenta como uma rede de relações contratuais complexas mediadas e ancoradas por relações de proximidade (amizade e parentesco) encontradas na figura do orientador técnico, aquele que leva a informação às famílias agricultoras e media os processos de comunicação entre as organizações e os produtores rurais. A partir das relações de amizade e confiança, que mantêm ainda conectados os agricultores às empresas, detectamos que, no imbricamento entre os contratos formais e informais, permeados por mecanismos de

controle, baseados em sanções, vem sendo gerenciado e mantido o Sistema Integrado de Produção das empresas de tabaco no Rio Grande do Sul.

Em 2015 a Convenção-Quadro de Controle ao Tabaco completou 10 anos. Em 2018 o Sistema de Produção Integrada completará 100 anos. Em 1918 a empresa Souza Cruz Tabacos iniciou o Sistema Integrado de Produção, o qual até hoje organiza a produção do fumo no Brasil, inclusive sendo utilizado em outros cultivos e países produtores.

A mídia é questionada, a validade dos dados apresentados pelos órgãos de saúde pública também. O que vem de “fora” é suspeito. O trabalho familiar é mais confiável do que aqueles que o condenam. Aspiram os sujeitos que a produção de notícias (a prática jornalística) seja imparcial. Espera-se, também, que a produção da notícia seja a partir da sociedade, que o interesse público seja uma força motora do jornalismo.

Os entrevistados revelaram conhecer o assunto da saúde pública, entretanto, dispensaram discussões ou informações sobre a mesma. Segundo eles, a saúde representa uma ameaça ao setor. Reforçamos a importância para os pesquisadores e/ou militantes da área da saúde, pesquisar mais sobre as temáticas do medo e da confiança.

Ao mesmo tempo, o Sistema firma as relações a partir de contratos formais, assinados pelos fumicultores na adesão ao sistema. O contrato formal passa a ser, então, considerado instrumento de controle que objetiva mitigar ou enfrentar possíveis comportamentos oportunistas e reporta os atores a uma situação de não negociação perante as empresas. Se os contratos representam um instrumento que busca diminuir a margem de risco, a desconfiança pode ser considerada custo de transação, e a atuação do orientador pretende substituir a ligação direta do agricultor com a organização, através de uma relação social concreta, caracterizada pela confiança. Os instrutores técnicos apresentam-se, então, como os principais atores na manutenção do Sistema de Produção Integrada, tendo em vista as relações de proximidade consolidadas entre o instrutor e a família produtora de tabaco. Nesse sentido, as relações de confiança entre os atores, entidade e organizações têm se

modificado nos últimos anos, já que a frequência das visitas dos técnicos agrícolas tem sido menor, e estes técnicos têm circulado por regiões distintas de suas origens.

A confiança também deve ser analisada conforme o contexto em que se encontra e os elementos que a compõem como a cultura, a tradição, os hábitos e as relações de poder, encontradas em todos os espaços de negociação. A tradição, como uma forma de resgate constante do passado, se apresenta como um fator importante para a confiança. Para Beck, Giddens e Lash,

[...] a tradição, digamos assim, é a cola que une as ordens sociais pré-modernas [...]. Em outras palavras, a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente (BECK; GIDDENS; LASH, 1997, p. 80).

Os sujeitos vivem, concomitantemente, a tradição do tabaco e o medo do futuro, tendo em vista as políticas públicas que visam a restrição e a diversificação produtiva das regiões que cultivam o fumo. Nesse ínterim, encontramos órgãos voltados à saúde pública que assumem o tema saúde pública como sendo de inquestionável interesse público e evidenciam os danos sociais, culturais e econômicos que o tabaco gera à saúde pública (seja para os que trabalham na sua produção, seja para seus consumidores). Discursivamente, os representantes de saúde pública desqualificam as organizações da cadeia produtiva do tabaco. Também as organizações do setor tabagista também tornam presente a ideia do interesse público, desqualificam e negam a presença da saúde. A estratégia na mídia se refere ao argumento da liberdade individual de escolha, ou seja, o direito de os sujeitos poderem optar por fumar ou não, plantar ou não e, com isso, apresentam-se como isentas de responsabilidade sobre tal decisão.

Por isso buscamos estudar a conformação de uma prática discursiva e não um discurso isolado, pois este não é algo claro. O lugar do sujeito vai desencadeando, no decorrer das relações, a formação das ideias; as suas relações vão sendo tensionadas e, muitas vezes, para manter determinadas “verdades”. Há, portanto, a saliência da legitimidade da pauta.

Entendemos que, se um afeto negativo, como o medo, proporciona uma diminuição na potência de agir, uma forma de mecanismo de controle social ou como

um hábito arraigado frente a uma ameaça. No caso das famílias rurais conectadas ao plantio do tabaco, assim como a veracidade dos fatos na mídia é questionada, a validade dos dados dos órgãos de saúde pública também.

Referências bibliográficas

- BALDISSERA, R. **Imagem-conceito**: anterior à comunicação, um lugar de significação. 219f. Porto Alegre: 2004. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2004.
- BAZELEY, P.; JACKSON, K. **Qualitative data analysis with NVivo**. London: Sage, 2013.
- CHAUI, M. Sobre o medo. In: NOVAES, A. Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernidade reflexiva**: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.
- DELAMEAU, J. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DWYER, T. Inteligência Artificial, Tecnologias Informacionais e seus possíveis impactos sobre as Ciências Sociais. In: **Sociologias**. Porto Alegre, ano 3, nº 5, jan/jun 2001, p. 58-79.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2013.
- _____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GAMSON, W. **Falando de política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- KUNRATH, S.M. De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente. In: **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, n. 46, v. 1, jan./abril, 2010. p. 2-9.
- MARQUES, A. C. S.; MAFRA, R.L.M. Diálogo no contexto organizacional e lugares de estratégia, argumentação e resistência. In: **Organicom**. v. 10, p. 72-84, 2013.
- NOVAES, A. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- RUDNICKI, C. P. S. As relações de confiança no sistema integrado de produção do tabaco (SIPT) no Rio Grande do Sul/Brasil. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.
- SIMÕES, R. P. **Relações Públicas**: função política. São Paulo: Summus, 1993.
- SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- VIZER, E. BARICHELLO, E; SILVEIRA, A.C. **Rural Conectado**: mídia e processos sociotécnicos no Brasil e Argentina. Santa Maria, RS : Facos-UFSM, 2016.
- WEBER, M. H. Visibilidade e credibilidade: tensões da comunicação política. In: MAIA, R.; CASTRO, M. C. (Org.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2006. v. 1, p. 117-136.